

Um espaço firme

Existem as coisas e as não coisas, os percursos da existência e os limites da não existência...

Existe o mar. E existe a possibilidade de mergulho, a observação meditativa, a corrida pela areia, as risadas, o espanto em olhar pela primeira vez algo enorme, reconhecer e nominar as sensações, existe o frio nos pés, o corpo todo sendo levado pela água, boiar.

Existe o ar. Existem partículas invisíveis que nos rodeiam e nos preenchem, independente da vontade, existe a vontade de encher o peito e o corpo, existe um cheiro e existem aromas, existe o calor e o frio, existe o sussurro que chega do outro lado da sala, e o som.

Existe a chuva. Existe a impossibilidade de sair de casa, a vontade de sair correndo, os dias de roupa molhada, os pedaços de roupa molhada que ainda estão secos, as possibilidades de abrigo, a vontade de seguir escutando aquele barulho, colocar algo na cabeça, o entorno.

O mar, o ar, a chuva, existe. Existem as coisas que não existem... o mar, o ar, a chuva. Que muitas vezes são nomes, memória, conceitos, percepções e uma ideia. A ideia não existe e por isso é fonte de existência, possibilidade e base.

E ainda mais, existe um espaço, um lugar, um tempo, que se mantém firme entre o que existe e o que não existe, um lugar de visita constante onde a saudade de algo que nunca foi vivido e o gosto de nada e a lembrança do futuro e o encontro do distante e o tempo e o espaço e a falta de vírgula e a retomada do fôlego e o pulmão cheio de ar e as reticências...

É neste espaço, firme, que Anna Costa e Silva passeia. Ela, está construindo uma morada impossível no movimento.

Sei lá! Sei lá! Eu sei lá bem
Quem sou? um fogo-fátuo, uma miragem...
Sou um reflexo...um canto de paisagem
Ou apenas cenário! Um vaivém¹
A proposta aqui não é apenas fruir.

Um passo de cada vez, um trabalho de cada vez, uma de cada vez. Nos trabalhos da exposição “E Tudo Me Parece Voo” Anna Costa e Silva desenvolve sua pesquisa e realiza seus trabalhos de um foro íntimo, de uma particularidade intensa e que se percebe humana e de contorno público. É possível reconhecer em sua poética o ritmo do dia a dia, a música do cotidiano. O voo percebido a partir de um gesto expresso nas obras, um instante comum que nos leva à suspensão.

Muitas vezes estão na memória, não só nas imagens e os sons, mas cada cena que foi colhida para fazer parte do trabalho. Estamos diante de uma colheita, resultado de um plantio, vindo de uma pesquisa, que parte da vontade de seguir vivendo. E assim nos mostra um voo, quando com toda a força atravessamos nosso instinto bípede pedestre para tomar corpo leve e sair do solo.

O saber se aprende com as mestres. A sabedoria, só com o corriqueiro da vida.2

Anna chora. E derrama em nós seu trabalho. São instalações sonoras, vídeos e fotografias como proposta de observação de afetos. Nos sons, as cartas lidas, nas palavras escritas e nas imagens paradas ou em movimento temos certeza que tudo ali já foi vivido e sua arte se inunda de memória. Vemos círculos, fogo, pinceladas generosas de azul em suas fotografias, uma névoa... E todos estes nomes, todos nomes das mulheres, trocas de memórias múltiplas, vozes que nos apresentam relações impossíveis e reais. Mesa, cadeiras, um convite para sentar e escutar e mais querer. Apesar de vir dela, da artista, esse voo é íntimo e individual, não são instruções de plantio de voo. E não precisamos saber de nada para partilhar isso, apenas pessoas dispostas a sair do chão por alguns momentos.